

Saúde mental de mães de crianças com transtorno do espectro autista no Brasil

Gabriela Calixto Romero^{1,*} , Thayná Beatriz Nogueira Cardoso¹ , Camilly Andrade de Souza Santos¹ ,
Maria Eduarda Ulian Corazza¹ , Jéssica Gorrão Lopes Albertini¹ , Andressa Pereira de Souza¹ 

1. Universidade do Oeste Paulista  – Faculdade de Ciências da Saúde e Bem-Estar – Presidente Prudente (SP), Brasil.

*Autora correspondente: gabii.calixto03@gmail.com

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

Recebido: 18 Maio 2026 Aceito: 05 Ago. 2026

RESUMO

O diagnóstico de transtorno do espectro autista impacta severamente a saúde mental materna por causa das demandas de cuidado e redes de apoio limitadas. Esta revisão de escopo mapeou os impactos do diagnóstico na saúde mental de mães brasileiras, desafios de cuidado e intervenções descritas entre 2020 e 2025. Seguindo o protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR), foram analisados 14 artigos das bases Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Periódicos de Psicologia, Biblioteca Eletrônica Científica Online e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Os resultados indicaram níveis elevados de estresse, sobrecarga emocional, isolamento social e fragilidade institucional. Intervenções baseadas em terapia cognitivo-comportamental se mostraram eficazes, embora a literatura evidencie a urgência de se ampliar o suporte social e políticas públicas para esse público.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista, Mães, Saúde mental, Estresse psicológico.

Mental health of mothers of children with autism spectrum disorder in Brazil

ABSTRACT

The diagnosis of autism spectrum disorder severely impacts maternal mental health due to caregiving demands and limited support. This scoping review mapped the impacts of the diagnosis on Brazilian mothers' mental health, care challenges, and interventions described between 2020 and 2025. Following the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) protocol, 14 articles from Latin American and Caribbean Health Sciences Literature, Periódicos de Psicologia, Scientific Electronic Library Online, and Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel databases were analyzed. Results indicated high levels of stress, emotional overload, social isolation, and institutional fragility. Cognitive-behavioral therapy interventions proved effective, although the literature highlights the urgent need to expand social support and public policies for this population.

Keywords: Autism spectrum disorder, Mothers, Mental health, Psychological stress.

Salud mental de madres de niños con trastorno del espectro autista en Brasil

RESUMEN

El diagnóstico de Trastorno del Espectro Autista (TEA) impacta severamente la salud mental materna debido a las demandas de cuidado y redes de apoyo limitadas. Esta revisión de alcance mapeó los impactos del diagnóstico en la salud mental de madres brasileñas, desafíos de cuidado e intervenciones descritas entre 2020 y 2025. Siguiendo el protocolo PRISMA-ScR, se analizaron 14 artículos de las bases LILACS, PePSIC, SciELO y CAPES. Los resultados indicaron niveles elevados de estrés, sobrecarga emocional, aislamiento social y fragilidad institucional. Las intervenciones basadas en la Terapia Cognitivo-Conductual resultaron eficaces, aunque la literatura destaca la urgente necesidad de ampliar el apoyo social y las políticas públicas para este grupo.

Palabras clave: Trastorno del espectro autista, Madres, Salud mental, Estrés psicológico.

INTRODUÇÃO

O vínculo entre uma mãe e seu bebê nem sempre teve o mesmo valor. Historicamente, há uma variação de práticas e concepções sobre a maternagem, embora o ato de cuidar tenha tido maior conexão com a função feminina (Moura & Araújo, 2004). A maternidade é subjetiva, mas o discurso social naturaliza-a ao propagar uma visão exclusivamente positiva, encobrindo que a tarefa pode, em algumas condições, exigir uma capacidade que excede os limites físicos e mentais da mulher (Bernardes et al., 2019). Esse excesso pode acarretar uma sobrecarga intensa na mãe, tornando-a suscetível a desenvolver sentimentos de esgotamento (Silva et al., 2022).

A possível imposição social de uma “mãe perfeita” gera cobranças (Stasevskas, 1999). A expectativa da realização de tarefas atribuídas às mulheres — como as do lar e da família, esperadas pela sociedade — contribui para a chamada “maternidade da culpa” (Bezerra et al., 2023; Halasi, 2018). Esses afazeres solidificam sua posição como principal cuidadora.

Durante a gestação, é comum que os pais construam uma imagem idealizada do filho, pois assumem um papel social alinhado às expectativas do contexto familiar, porém o nascimento exige uma adaptação entre o idealizado e o real, processo que pode envolver a vivência de um luto (Batista & Basquião, 2022). Azevedo e Arrais (2006) explicam que a contradição entre as expectativas geradas e a realidade encontrada após o nascimento pode culminar em sentimento de culpa e intenso sofrimento. Não raro, a presença de um transtorno do neurodesenvolvimento, como o transtorno do espectro autista (TEA), diverge das características esperadas, pois o diagnóstico infere alterações na convivência, no cuidado e no desenvolvimento que frequentemente diferem daquilo que se esperava (Azevedo & Arrais, 2006).

O TEA é um transtorno definido por déficits na interação social, na comunicação e em padrões comportamentais restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2014), exigindo maior atenção dos cuidadores. Em contraponto, o conceito de neurodiversidade propõe que o autismo seja visto como uma variação neurológica humana, questionando a dicotomia entre “normal” e “anormal” (Ortega, 2009), apesar das dificuldades cotidianas.

O diagnóstico frequentemente requer intervenção multidisciplinar intensiva para que o indivíduo alcance independência nas atividades diárias e desenvolvimento de habilidades, o que pode aumentar a necessidade de as mães reorganizarem rotinas e dedicarem tempo significativo aos cuidados (Andrade et al., 2024). Os comportamentos característicos do TEA, somados à manutenção dos tratamentos, à conciliação entre vida pessoal e profissional e à necessidade de lidar com expectativas sociais e familiares, podem gerar estresse constante e esgotamento físico e emocional (Moraes et al., 2024).

Esse cenário de sobrecarga pode acarretar sérios impactos sociais. Luis (2023) aponta que mães em geral abandonam o mercado de trabalho, enquanto Jesus (2023) acrescenta a negligência do autocuidado, o sentimento de solidão, o desamparo e a perda da identidade pessoal decorrentes da postergação sistemática de suas próprias necessidades. Nessa perspectiva, Viana e Benicasa (2023) empregam o termo “mães invisíveis” para traduzir a negligência institucional e social destinada à individualidade das mulheres nesse contexto.

Em síntese, essas mulheres tendem a colocar as próprias necessidades em segundo plano, mesmo quando questionadas por profissionais de saúde, redirecionando o foco para as demandas dos filhos, o que evidencia não apenas uma escolha, mas a ausência de espaços acolhedores para o cuidado de si (Matsukura & Menecheli, 2011). No âmbito relacional, a sobrecarga pode provocar isolamento social, conflitos familiares e distanciamento afetivo, especialmente na ausência de uma rede de apoio adequada (Malagris, 2009; Moxotó & Malagris, 2015).

Esses fatores podem afetar tanto a dinâmica familiar, por conta de limitações sensoriais, dificuldades de socialização e comportamentos desafiadores que dificultam a convivência em espaços públicos (Matsukura & Menecheli, 2011), quanto a saúde mental materna, visto que o acúmulo de demandas favorece o surgimento de sintomas de ansiedade, depressão e fadiga emocional, acompanhados de irritabilidade, culpa e baixa autoestima (Costa et al., 2025; Mikolajczak & Roskam, 2018).

Portanto, a saúde mental das mães de crianças com TEA é uma preocupação urgente, dada a associação do diagnóstico com elevados níveis de estresse parental. Intervenções como programas psicoeducacionais baseados na terapia cognitivo-comportamental (TCC) e na terapia de aceitação e compromisso (ACT) têm se mostrado eficazes na promoção de estratégias de enfrentamento, regulação emocional e aceitação (Lipp & Malagris, 2011; Silva et al., 2024). Esses modelos contribuem para a melhora na qualidade de vida e a ampliação do autocuidado parental (Santos et al., 2024).

Viana e Benicasa (2023) destacam que o termo “maternidade atípica” tem ganhado ampla difusão social, mas ainda carece de reconhecimento no campo científico. A ausência dessa nomenclatura no meio acadêmico pode limitar o entendimento e o diálogo entre especialistas, resultando em dificuldades na construção de conhecimento e na formulação de políticas públicas voltadas a essas mães. Torna-se significativo o reconhecimento dessa vivência como legítima, impulsionando reflexões que orientem práticas clínicas e instiguem ações intersetoriais a promover a saúde e o bem-estar da mãe e de seu filho neurodivergente.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Por meio de uma revisão de escopo, analisando a produção científica entre 2020 e 2025, mapear os impactos do diagnóstico de TEA na saúde mental de mães no contexto brasileiro, identificando os principais fatores geradores de sobrecarga, as intervenções psicológicas descritas em estudos e as lacunas nas políticas públicas relacionadas a esse fenômeno.

Objetivos específicos

- Investigar os principais fatores geradores de sobrecarga emocional, física e mental em mães de crianças com TEA;
- Analisar os impactos psicológicos decorrentes do diagnóstico e da rotina de cuidados;
- Mapear as intervenções psicológicas e estratégias de suporte descritas na literatura para promoção de saúde mental materna;
- Identificar lacunas na produção científica e nas políticas públicas de suporte a mães com filhos com TEA.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão de escopo, método escolhido por sua capacidade de compreender diferentes formatos de pesquisa com a finalidade de reconhecer as evidências produzidas, permitindo organização e coerência no processo de investigação (Cordeiro & Soares, 2019). A revisão foi realizada conforme o protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR), segundo Tricco et al. (2018), o qual garante padronização e transparência ao processo de mapeamento da literatura. O estudo teve como foco mapear os resultados que tratam do esgotamento psicológico e emocional das mães como possível consequência das exigências intensas e constantes de cuidado impostas pelo contexto do TEA.

As pesquisas foram conduzidas em agosto de 2025 em quatro bases de dados científicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Periódicos de Psicologia (PePSIC), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Utilizaram-se dois conjuntos de descritores conforme a compatibilidade de cada base de dados. Na base PePSIC, empregou-se: “Matern\$ AND Transtorno AND do AND espectro AND autista”. Nas demais bases (Lilacs, SciELO e Capes), usou-se: “(maternidade OR maternidade atípica) AND (TEA OR transtorno do espectro autista)”.

Critérios de elegibilidade

Os critérios de inclusão do estudo foram:

- presença dos descritores no título ou resumo;
- publicação em português e inglês;
- execução da pesquisa no contexto brasileiro;
- período de publicação entre 2020 e 2025;
- abordagem temática voltada à saúde mental materna em relação ao cuidado de crianças com TEA;
- desenhos metodológicos compostos de estudos qualitativos, quantitativos, mistos e revisões da literatura.

Os critérios de exclusão do estudo foram:

- estudos duplicados;
- artigos sem acesso aberto;
- estudos que não abordassem o tema proposto;
- publicações de opinião, editoriais ou cartas ao editor;
- estudos focados exclusivamente na criança com TEA, sem abordagem da mãe cuidadora.

Processo de seleção dos estudos

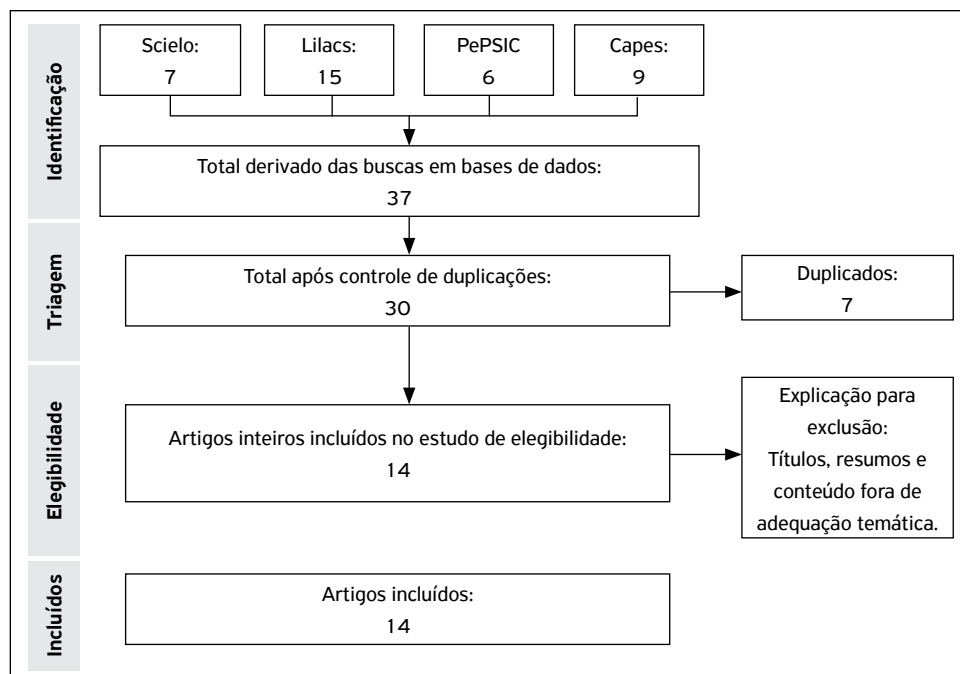
Para o processo de seleção dos estudos, realizou-se primeiramente a triagem, para certificar-se da coerência dos critérios de elegibilidade, sendo excluídos os artigos duplicados entre as 37 publicações identificadas, restando 30 estudos. Posteriormente, efetuou-se uma apuração para retirar as pesquisas que não apresentavam os descritores no título ou no resumo. Os artigos remanescentes foram lidos na íntegra a fim de se confirmar a coerência temática, conservando-se 14 artigos que atenderam a todos os critérios de inclusão. O processo completo de seleção está representado no fluxograma PRISMA-ScR (Fig. 1).

Fez-se uma coleta sistemática de informações, quando presentes, como: autor e ano de publicação; local da pesquisa; tipo de estudo (qualitativo, quantitativo, misto, revisão); tamanho e características da amostra; e principais resultados relacionados à saúde mental materna (esgotamento materno, sobrecarga emocional, impactos na saúde mental e rede de apoio). A leitura integral dos artigos e a extração de dados foram distribuídas entre quatro pesquisadores, e divergências interpretativas foram resolvidas por consenso entre os pesquisadores, com a supervisão de duas orientadoras responsáveis pela validação metodológica do processo.

A síntese dos dados foi realizada por meio de abordagem narrativa, estruturada nas perspectivas cronológica e temática. Os achados foram organizados sequencialmente pelos anos de publicação (Quadro 1) e agrupados em quatro eixos temáticos emergentes da literatura, identificados durante a leitura:

- Contexto e demandas da maternidade no TEA;
- Coparentalidade e redes de apoio;
- Aspectos psicológicos e emocionais;
- Intervenções e políticas públicas.

Essa estrutura temática permitiu a análise integrada dos dados, a identificação de convergências e divergências entre os estudos e o destaque das lacunas na produção científica.



SciELO: Biblioteca Eletrônica Científica Online; Lilacs: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; PePSIC: Periódicos de Psicologia; Capes: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Fonte: Elaboração própria.

Figura 1. Fluxograma com as fases da revisão sistemática, conforme o modelo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), referente à busca e seleção de artigos.

RESULTADOS

No total, 14 estudos foram considerados nessa revisão. De forma geral, os resultados apontam que ser mãe de uma criança com TEA implica enfrentar diversos desafios, marcando o papel do suporte social e das técnicas de autocuidado

para preservar a saúde mental das mães. Em relação aos locais de publicação, seis trabalhos foram desenvolvidos na Região Sudeste, três na Região Sul, dois na região Nordeste, dois no Centro-Oeste e um na Região Norte.

Quadro 1. Apresentação dos artigos selecionados.

Título	Autor, ano	Tipo de estudo	Principais resultados
“Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista”	Portes e Vieira, 2020	Qualitativo, descritivo e exploratório	Mães assumem maior responsabilidade no cuidado com a criança; pais mais permissivos ou atuando como auxiliares
“Estilos parentais e coparentalidade em famílias de crianças com autismo: análise de perfis de comportamento infantil”	Portes et al., 2020	Quantitativo	Estilo parental autoritário e qualidade de coparentalidade associada a habilidades pró-sociais das crianças diagnosticadas
“‘Toda mãe de autista sabe do que eu estou falando’: narrativas compartilhadas por mães de autistas em uma plataforma digital de vídeos”	Freitas, 2020	Qualitativo	Reconstrução de expectativas sobre o filho; percepção de diferença em relação ao esperado
“Vivências maternas e autismo: os primeiros indicadores de TEA e a relação mãe e filho”	Pascalichio et al., 2021	Qualitativo	Sinais percebidos antes do diagnóstico; sobrecarga materna presente; rede de apoio essencial
“Meu filho é autista: percepções e sentimentos maternos”	Riccioppo et al., 2021	Qualitativo, descritivo e exploratório	Sobrecarga intensa; abdicação do tempo pessoal; alívio e validação após diagnóstico
“Estresse em mães com filhos diagnosticados com autismo”	Tinoco et al., 2022	Quantitativo	Fases de estresse: resistência/quase exaustão e exaustão; sintomas psicológicos (43%), físicos (27%) e concomitantes (30%)
“Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista”	Ponte e Araujo, 2022	Qualitativo	Sentimento de responsabilidade intensa; dificuldade de conciliar atividades externas; dedicação contínua à rotina do tratamento
“Fatores determinantes da saúde mental das mães de crianças com transtorno do espectro autista”	Campos et al., 2022	Revisão da literatura	Sobrecarga emocional, física e mental; exclusão social; suporte social como fator de proteção; lacunas na literatura e políticas públicas
“A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista”	Bulhões et al., 2023	Qualitativo	Diagnóstico impacta fortemente a vida familiar; vulnerabilidade e solidão; dificuldade de inserção escolar; sobrecarga crescente
“Dinâmica relacional das redes sociais significativas de mães de filhos com transtorno do espectro autista”	Colomé et al., 2023	Qualitativo, descritivo e exploratório	Redução da rede de apoio; dificuldade na relação com o marido; aproximação familiar, mas resistência em compartilhar cuidados; vínculos sociais prejudicados
“Maternidade ou maternagem: o lugar da mulher no cuidado do filho atípico”	Santos et al., 2023	Revisão da literatura	Sobrecarga associada a pior saúde física e mental; invisibilidade das mães; falta de suporte social e político; reconstrução de expectativas
“Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo”	Luna et al., 2023	Qualitativo	Cansaço físico e mental elevado e falta de tempo para autocuidado materno
“Redes sociais significativas maternas: significados e movimentos diante do autismo”	Colomé et al., 2024	Qualitativo, exploratório e transversal	Mães reconhecem vínculos, mas eles não oferecem apoio necessário após o diagnóstico
“O impacto da intervenção ABA na sobrecarga da maternidade atípica”	Moraes et al., 2024	Qualitativo e bibliográfico	Sobrecarga emocional por causa da falta de apoio e estigmas sociais; a ABA oferece suporte às mães, mas a prática continuada pode aumentar a sobrecarga. Necessidade de mais pesquisas e políticas públicas

ABA: análise do comportamento aplicada. Fonte: Elaboração própria.

Os estudos de 2020 descreveram as características das relações coparentais em famílias com crianças com TEA. Portes et al. (2020) apontam que filhos cujos pais apresentam estilos autoritário ou permissivo enfrentam mais dificuldades comportamentais, enquanto aqueles com coparentalidade de qualidade demonstram mais habilidades pró-sociais. Portes e Vieira (2020) descrevem que as mães assumem a maior parte das responsabilidades no cuidado das crianças. Freitas (2020) apresentou narrativas maternas que indicam que as mães percebem que seus filhos diferem das expectativas iniciais e enfrentam discriminações, o que as leva a reconstruir expectativas sobre o futuro da criança.

A literatura publicada em 2021 descreveu as dificuldades experienciadas pelas mães nos períodos anterior e posterior ao diagnóstico. Pascalicchio et al. (2021) identificaram sentimento de insegurança, frustração e negação por parte dessas mulheres, além de uma quebra de expectativas criadas acerca da maternidade. Riccioppo et al. (2021) relataram que, após o diagnóstico, as mães apresentam sensação de alívio e validação, ainda que acompanhada de sobrecarga.

As publicações de 2022 destacaram a sobrecarga emocional, física e mental, bem como a exclusão social em mães de crianças com TEA. Tinoco et al. (2022) descreveram a tipologia de estágios de exaustão vivenciados pelas mães. Os estudos de Campos et al. (2022) apontam o acúmulo de responsabilidade sobre as mães, assim como Ponte e Araujo (2022), que relataram dedicação contínua ao cuidado e limitações em atividades externas.

As publicações de 2023 descreveram a redução da rede de apoio para mães de crianças com TEA (Bulhões et al., 2023; Luna et al., 2023). Colomé et al. (2023) descreveram problemas na relação conjugal, vulnerabilidade, solidão e dificuldades na manutenção de vínculos sociais. Santos et al. (2023) relataram a “invisibilidade das mães” em suas análises.

Colomé et al. (2024) descreveram que, embora algumas mães reconheçam vínculos significativos, estes nem sempre proporcionam o suporte necessário. Moraes et al. (2024) relataram que a intervenção da análise do comportamento aplicada (ABA) foi descrita como benéfica para o desenvolvimento infantil, mas ponderaram que sua prática continuada pode estar associada ao aumento da sobrecarga materna.

DISCUSSÃO

A experiência de ser mãe de uma criança com TEA no Brasil não é um fenômeno isolado, mas uma realidade estrutural que reflete as intersecções entre demandas individuais de cuidado, dinâmicas familiares fragilizadas e políticas públicas insuficientes. Os resultados dessa revisão de escopo evidenciam um ciclo complexo em que a saúde mental materna é simultaneamente vítima e determinante das condições de vida familiar. A análise a seguir se organiza em torno de quatro eixos temáticos, que emergiram dos 14 estudos investigados:

- Contexto e demandas da maternidade no TEA;
- Coparentalidade e redes de apoio;
- Aspectos psicológicos e emocionais;
- Intervenções e políticas públicas.

Contexto e demandas da maternidade no transtorno do espectro autista

O principal achado deste eixo revela que a maternidade no contexto do TEA é marcada pela centralização compulsória do cuidado na figura materna, que, em sua maioria, assume a responsabilidade integral pela rotina terapêutica e doméstica dos filhos (Bulhões et al., 2023; Luna et al., 2023). Essa realidade reflete uma estrutura social em que a mãe é a principal provedora de cuidados básicos, como alimentação, higiene e acompanhamento médico, muitas vezes em detrimento de suas próprias necessidades (Pascalicchio et al., 2021; Portes & Vieira, 2020).

Esse resultado corrobora estudos anteriores que descreveram a “maternidade atípica” como um percurso complexo e exauriente, no qual a mulher abdica de sua carreira e vida pessoal para se dedicar exclusivamente ao desenvolvimento do filho (Bulhões et al., 2023; Moraes et al., 2024; Riccioppo et al., 2021). A literatura diverge de uma visão romantizada da maternidade que pode estar relacionada à expectativa de uma vivência comumente transmitida pela sociedade, visto que, como aborda Freitas (2020), ocorre após o diagnóstico a perda de uma referência simbólica. Isso evidencia que as demandas do TEA forçam mudanças drásticas no estilo de vida, gerando uma sobrecarga que não é opcional, mas imposta pela falta de divisão equitativa de tarefas (Luna et al., 2023; Santos et al., 2023).

Teoricamente, esses resultados indicam que a maternidade no TEA ainda opera sob uma lógica que naturaliza o papel da mulher como cuidadora “por instinto” e invisibiliza o trabalho não remunerado de suporte ao desenvolvimento infantil

(Santos et al., 2023; Tinoco et al., 2022). O conhecimento atual ressalta que o sucesso das intervenções com a criança está intrinsecamente ligado à capacidade da mãe de gerenciar uma rotina exaustiva que envolve auxílio nas atividades básicas diárias, acompanhamento em terapias, administração de medicações e consultas médicas (Anjos et al., 2017), o que valida a urgência de atentar-se para a saúde dessa mulher (Campos et al., 2022; Moraes et al., 2024).

Todavia, a literatura analisada apresenta limitações metodológicas que restringem a compreensão dessa realidade. Dos 14 estudos, a maioria adota delineamento transversal, capturando apenas um recorte específico do tempo. Essa abordagem impede a análise longitudinal de como as demandas de cuidado evoluem ao longo do ciclo vital, deixando em aberto se a sobrecarga intensa é maior nos primeiros anos pós-diagnóstico ou se persiste indefinidamente. Além disso, poucos estudos controlam de maneira adequada a variável de classe social. Mães de contextos socioeconômicos diversos experienciam não apenas variações quantitativas de estresse, mas qualitativas, com diferentes tipos de constrangimento. A concentração dos estudos em determinadas áreas do país faz com que muitas outras realidades sociais e econômicas não sejam exploradas, fator que pode estar fortemente relacionado ao observado por Tinoco et al. (2022) ao apontarem que essas cuidadoras podem enfrentar dificuldades em visualizar aspectos positivos nas habilidades dos filhos, impactando diretamente sua saúde mental.

Tinoco et al. (2022) apontam ainda para o isolamento social que muitas mulheres se impõem após o diagnóstico de seus filhos, evidenciando os impactos psicossociais sofridos por elas. O fato de muitas não estarem preparadas para vivenciar a maternidade nesse contexto atua como um agravante adicional para sua saúde mental e qualidade de vida.

Coparentalidade e redes de apoio

A pesquisa destaca que, embora haja um movimento de aproximação familiar após o diagnóstico, a rede de apoio social tende a diminuir em número de vínculos, tornando-se mais restrita a profissionais de saúde e a outras “mães atípicas” (Colomé et al., 2023; Colomé et al., 2024). A coparentalidade, definida por Augustin e Frizzo (2015) como o compartilhamento da parentalidade e a divisão de tarefas voltadas ao cuidado da criança, sem incluir aspectos legais, românticos ou financeiros (Frizzo et al., 2005), é frequentemente desequilibrada. Observa-se que os pais assumem papéis de “auxiliares” ou se concentram no provento financeiro, enquanto as mães gerenciam o desgaste emocional e prático (Luna et al., 2023; Portes & Vieira, 2020).

Campos et al. (2022) descrevem sentimentos de incapacidade presentes nas mães, relacionando-os ao papel de gênero imposto pela sociedade. Luna et al. (2023) corroboram essa explicação ao evidenciar que tais cuidados sempre foram estabelecidos como elementos intrínsecos à mulher. Redes de apoio são capazes de fornecer suporte em momentos de crise (Juliano & Yunes, 2014), e, para as mães, a consciência desses vínculos auxilia e transmite segurança (Colomé et al., 2024). Divergindo da expectativa de um apoio mútuo pleno, os dados mostram que muitas mães se sentem sozinhas e desprovidas do suporte necessário por parte da família extensa, que frequentemente se afasta por desconhecimento ou preconceito em relação ao TEA (Colomé et al., 2023; Pascalicchio et al., 2021).

O significado prático desses achados aponta que não basta a mera existência de uma rede; ela precisa estar instrumentalizada e preparada para manejar as especificidades do autismo para ser efetiva (Colomé et al., 2023; Colomé et al., 2024). Teoricamente, a figura da “mãe guerreira” constitui um mito que mascara a precariedade do suporte social e impede que a mulher reivindique a participação ativa do parceiro e da comunidade (Ponte & Araujo, 2022; Santos et al., 2023).

A estrutura familiar pode tornar-se vulnerável após o diagnóstico, levando ao afastamento social e expondo crianças a conflitos familiares (Freitas, 2020; Portes & Vieira, 2020). Luna et al. (2023) ponderam que esse afastamento está relacionado à distância física, à disponibilidade de tempo ou à colaboração no processo de cuidado com a criança.

Uma limitação importante é que a maioria dos dados sobre redes de apoio provém de mães recrutadas em associações específicas, o que pode enviesar a percepção do suporte disponível (Colomé et al., 2024; Riccioppo et al., 2021). Perspectivas futuras devem incluir a voz dos pais, de outros familiares, como avós e irmãos, e de amigos próximos para se compreender a dinâmica sistêmica de forma integral (Colomé et al., 2024; Portes & Vieira, 2020).

Conforme Moraes et al. (2024), a conexão emocional é significativa para o desenvolvimento do bebê e para a saúde mental da mãe. O estresse gerado pela alta demanda e pela responsabilidade que a mulher nesse contexto é levada a suprir sozinha impacta sua capacidade de responder a essas exigências, tornando essenciais o equilíbrio de suas atividades e a atenção ao seu estado emocional.

Aspectos psicológicos e emocionais

Os resultados revelam alta prevalência de indicadores de estresse, ansiedade e sintomas depressivos em mães de crianças com TEA, com frequência associados ao processo de “luto” pelo filho idealizado (Pascalicchio et al., 2021; Tinoco et al.,

2022). O diagnóstico é vivido como uma ruptura que gera sentimentos ambíguos de negação e, eventualmente, alívio por finalmente nomear as dificuldades da criança (Freitas, 2020; Riccioppo et al., 2021).

A sobrecarga de cuidados e a ausência de suporte configuram os principais preditores do adoecimento psíquico, identificando-se três construtos centrais: estresse parental crônico, sintomas depressivos e ansiosos e *burnout* parental (Alves et al., 2022; Souza, 2024). Esses fenômenos representam estágios progressivos de adoecimento. Como esclarece Souza (2024), o *burnout* constitui o estágio mais grave do esgotamento, caracterizado por três dimensões principais: exaustão física e emocional, distanciamento emocional do filho como mecanismo de defesa e sentimento de ineficácia no papel materno. O autor evidencia a correlação direta entre a sobreposição do estresse crônico e a ausência de apoio, transformando o papel materno em fonte de sofrimento.

Esses dados corroboram estudos que apontam que mães de autistas apresentam maior risco de desenvolver transtornos afetivos em comparação a mães de crianças com desenvolvimento típico (Öz et al., 2020 *apud* Campos et al., 2022). A literatura reforça que a percepção de vulnerabilidade do filho e a incerteza quanto ao futuro são os principais gatilhos para o esgotamento emocional materno (Bulhões et al., 2023; Tinoco et al., 2022).

O significado teórico desses resultados reside na constatação de que a saúde mental materna é um determinante crítico para o desenvolvimento da criança com TEA (Campos et al., 2022; Moraes et al., 2024). Isso sugere que o cuidado deve ser estendido a quem cuida, tratando o bem-estar da mãe como parte integrante do plano terapêutico infantil (Bulhões et al., 2023; Riccioppo et al., 2021).

As limitações metodológicas neste eixo são substanciais. A maioria dos estudos que mensuram indicadores psicológicos utiliza amostras pequenas em contextos específicos, e muitos recrutam participantes em salas de espera de terapeutas. Estudos qualitativos com fechamento amostral por saturação teórica podem não capturar a diversidade de experiências ao longo do espectro de severidade do autismo: uma mãe cuja criança é verbal e apresenta TEA nível 1 enfrenta demandas psicológicas diferentes daquelas vivenciadas por uma mãe de criança não verbal com nível 3, contudo poucos estudos diferenciam esses níveis, resultando na agregação de experiências heterogêneas. Investigações futuras devem priorizar a resiliência e as estratégias efetivas, embora se reconheça que não apenas os recursos individuais devem ser explorados; são imperativos políticas públicas efetivas, suporte social estruturado e intervenções clínicas integradas para se reconhecer a saúde emocional materna como pilar central para a qualidade de vida familiar e o desenvolvimento infantil (Pascalichio et al., 2021).

Intervenções e políticas públicas

O achado central destaca a insuficiência de políticas públicas de suporte integral, o que leva as mães a buscarem informações e acolhimento em plataformas digitais e organizações não governamentais (Colomé et al., 2024; Freitas, 2020). Intervenções como a ABA são eficazes para a criança, mas podem aumentar a sobrecarga materna caso não haja orientação adequada para o manejo diário (Moraes et al., 2024). Esses resultados corroboram as críticas à falta de suporte profissional especializado que considere a subjetividade da mãe, e não apenas o progresso da criança (Luna et al., 2023; Pascalichio et al., 2021).

Há convergência na literatura sobre a eficácia de se utilizar salas de espera como espaços de cuidado materno, promovendo rodas de conversa e suporte psicológico enquanto a criança está em terapia (Luna et al., 2023). Para a área de estudo, isso significa que as políticas públicas precisam evoluir de um modelo puramente clínico-centrado para um modelo de atenção psicossocial que inclua a família (Colomé et al., 2024; Tinoco et al., 2022).

A contribuição para o conhecimento atual é o reconhecimento de que os profissionais de saúde devem atuar como agentes ativadores de redes de suporte, combatendo a invisibilidade da mulher (Colomé et al., 2024; Santos et al., 2023).

A literatura analisada aponta para o interesse materno de que os locais de terapia infantil também ofereçam acolhimento, transformando salas de espera em círculos de conversa, locais de escuta e cuidado enquanto os filhos estão em sessão, o que permitiria a continuidade do trabalho profissional, a redução do isolamento e o acesso a suporte psicológico, embora essa estrutura raramente seja implementada.

Existe uma escassez fundamental de estudos nacionais que avaliem rigorosamente o impacto direto de intervenções específicas na saúde mental das cuidadoras. A literatura analisada privilegia dados sobre a eficácia das intervenções voltadas à criança, negligenciando estudos correlacionais que investiguem simultaneamente o impacto na mãe. Quando tal investigação ocorre (Moraes et al., 2024), resulta em dados qualitativos descritivos, e não em avaliações quantitativas com escalas padronizadas. Perspectivas futuras devem incluir estudos que avaliem:

- o impacto de diferentes modalidades de intervenção (ABA versus outras) sobre a saúde mental materna;
- a efetividade de programas de suporte psicológico paralelos;
- políticas específicas que reduzam barreiras socioeconômicas ao acesso equitativo.

CONCLUSÃO

Essa revisão de escopo mapeou os impactos do diagnóstico de TEA na saúde mental de mães brasileiras, analisando 14 estudos publicados entre 2020 e 2025. Os achados revelam um padrão consistente: a maternidade no contexto do TEA é estruturada pela centralização compulsória do cuidado, dinâmicas coparentais desequilibradas, redução de redes de apoio social e elevada prevalência de sintomas depressivos e ansiosos, em um cenário de políticas públicas insuficientes. Esse padrão reflete estruturas sociais patriarcais que invisibilizam o trabalho materno e negligenciam a saúde psicológica de quem cuida.

A principal contribuição dessa revisão reside em sistematizar, em nível nacional, como esses elementos se articulam em um ciclo no qual a sobrecarga material e as tarefas de cuidado geram adoecimento psicológico, como depressão, ansiedade e exaustão, o que, por sua vez, reduz a qualidade do suporte oferecido à criança, perpetuando as demandas que intensificam a sobrecarga inicial. Esse ciclo não é linear nem segue uma progressão simples de causa e efeito; trata-se de um processo retroalimentado, no qual cada elemento reforça os anteriores. Reconhecer essa circularidade é crítico, pois sugere que intervenções isoladas tendem a ser insuficientes, exigindo abordagens sistêmicas que reduzam simultaneamente as demandas de cuidado, fortaleçam as redes sociais e ofereçam suporte psicológico especializado.

Adicionalmente, essa revisão contribui ao nomear e centralizar a categoria *maternidade atípica* como um fenômeno legítimo de investigação científica. Embora o termo tenha circulação social crescente, ele permanecia ausente na literatura acadêmica como construto teórico. A sistematização realizada oferece fundamentação para que pesquisadores e profissionais utilizem essa nomenclatura, facilitando o diálogo interdisciplinar e a formulação de políticas públicas direcionadas.

De todo modo, devem-se reconhecer as limitações desta revisão. Em primeiro lugar, a seleção restringiu-se a quatro bases de dados nacionais (Lilacs, PePSIC, SciELO e Capes) com idiomas limitados ao português e ao inglês, o que pode ter excluído estudos relevantes publicados em outros idiomas ou em plataformas não indexadas. Segundo, o período de 2020 a 2025 é recente, e estudos anteriores podem ter oferecido *insights* não captados. Terceiro, a amostra de 14 estudos, embora substancial para uma revisão de escopo, limita a profundidade de certas análises.

Torna-se essencial também reconhecer as limitações metodológicas da literatura analisada. A predominância de delineamentos transversais impede respostas a questões causais fundamentais. O viés consistente em favor da perspectiva materna, em detrimento de pais, avós e comunidade, limita uma compreensão verdadeiramente sistêmica. O recrutamento frequente em associações especializadas introduz viés de seleção, e a falta de controle por variáveis como gravidade do TEA, classe social e raça impossibilita uma análise interseccional adequada. Essas limitações não invalidam os achados, visto que a convergência entre os 14 estudos oferece confiança relativa, mas indicam que o conhecimento atual descreve melhor padrões problemáticos do que mecanismos causais.

Os achados dessa revisão indicam que grande parte das mães no Brasil experimenta níveis significativos de depressão, ansiedade e exaustão, em geral em isolamento social e sem suporte especializado. Essas mulheres não carecem de resiliência ou capacidade individual, mas sim de reconhecimento social, suporte sistemático e políticas públicas eficazes. A ruptura do ciclo de esgotamento depende não de heroísmo materno, mas de uma reestruturação fundamental das condições sociais, econômicas e institucionais que cercam a maternidade de crianças com TEA no Brasil.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição, Conceituação, Análise formal, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia: Romero, G. C.; Cardoso, T. B. N.; Santos, C. A. S.; Corazza, M. E. U. **Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização:** Albertini, J. G. L.; Souza, A. P.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

O compartilhamento de dados não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de inteligência artificial generativa foi utilizada na elaboração deste manuscrito.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. S., Gameiro, A. C. P., & Biazzi, P. H. G. (2022). Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: revisão nacional. *Revista Psicopedagogia*, 39(120), 412-424. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220031>
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Artmed.
- Andrade, B. N. P., Pereira, G. E. T., Dias, G. S. E., Silva, G. B. B., Pereira, G. H. G., Pereira, J. F. E., Gonzaga, M. E. C., Valentim, M. E. Z., Costa, M. E., & Moraes, S. M. (2024). A importância da abordagem multidisciplinar no tratamento de crianças com espectro autista. *Brazilian Journal of Health Review*, 7(1), 3568-3580. <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n1-288>
- Anjos, C. C. D., Teixeira, S. G. M., Miranda, S. A. L., Santos, J. E. T., Pereira, R. O., & Zimpel, S. A. (2017). Percepção dos cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista sobre a atuação da fisioterapia. *Revista Portal: Saúde e Sociedade*, 2(3), 517-532. <https://doi.org/10.28998/rpps.v2i3.3246>
- Augustin, D., & Frizzo, G. B. (2015). A coparentalidade ao longo do desenvolvimento dos filhos: estabilidade e mudança no 1º e 6º ano de vida. *Interação em Psicologia*, 19(1), 13-24. <https://doi.org/10.5380/psi.v19i1.29239>
- Azevedo, K. R., & Arrais, A. R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 269-276. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000200013>
- Batista, I. M., & Basquião, L. A. (2022). A morte do filho idealizado e o processo de (des)construção da idealização do filho. *Revista Saúde em Foco*, 14, 1117-1123.
- Bernardes, R., Loures, A. F., & Andrade, B. B. S. (2019). A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. *Revista Mosaico*, 10(2 Supl. 2), 68-75. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2sup.1956>
- Bezerra, J. K. T., Paula, S. M., & Alves, A. D. (2023). *Sobrecarga materna e o seu impacto na saúde mental*. Recuperado de <https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/4668>
- Bulhões, T. M. P., Bittencourt, I. G. S., Souza, E. M. S., Cavalcanti, C. M. T. M., & Porto, M. E. A. (2023). A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 15, e-12213. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213>
- Campos, V. S. M. J. P., Costa, A. M. R. B. D. B., Tenório, L. L. J., Lima, J. V. M. D., Torres, H. C., Rêgo, L. F. T., Tenório Neto, J. A., Farias, Y. C. D., Quintino, J. N., Silva, Í. T. L., Lemos, E. C., & Arraes, W. P. C. G. (2022). Fatores determinantes da saúde mental das mães de crianças com transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Development*, 8(12), 78520-78533. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n12-114>
- Colomé, C. S., Dantas, C. P., Izolan, L. C., & Zappe, J. G. (2024). Redes sociais significativas maternas: significados e movimentos diante do autismo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 44, e261546. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003261546>
- Colomé, C. S., Dantas, C. P., & Zappe, J. G. (2023). Dinâmica relacional das redes sociais significativas de mães de filhos com transtorno do espectro autista. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(2), 607-628. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77701>
- Cordeiro, L., & Soares, C. B. (2019). Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *Boletim do Instituto de Saúde*, 20(2), 37-43. <https://doi.org/10.52753/bis.2019.v20.34471>
- Costa, M. D. S., Garcia, R. V. B., & Roberti Junior, J. P. (2025). Estresse em cuidadores de crianças autistas: um estudo comparativo entre mães e pais. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 19(33), 124-140. <https://doi.org/10.22481/aprender.33.17164>
- Freitas, B. M. S. (2020). *“Toda mãe de autista sabe do que eu estou falando”: narrativas compartilhadas por mães de autistas em uma plataforma digital de vídeos* [dissertação]. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira.

- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Journal of Human Growth and Development*, 15(3), 84-93. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19774>
- Halasi, F. S. (2018). *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa* (dissertação de mestrado). Pontífica Universidade Católica de São Paulo.
- Jesus, A. B. S. (2023). *Escuta psicológica para mães de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)* (trabalho de conclusão de curso). Centro Universitário Curitiba.
- Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17(3), 135-154. <https://doi.org/10.1590/s1414-753x2014000300009>
- Lipp, M. E. N., & Malagris, L. E. N. (2011). Estresse: aspectos históricos, teóricos e clínicos. In B. Rangé (Ed.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (pp. 617-632). Artmed.
- Luis, L. C. L. A. (2023). *Estressores psicológicos em mães de filhos diagnosticados com transtorno do espectro autista* (trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal da Paraíba.
- Luna, A. W. N., Melo, M. C. P., Santos, A. D. B., Calado, J. I. F., & Santos, M. V. P. (2023). Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo. *Revista de Enfermagem da UFPI*, 12(1), e4284. <https://doi.org/10.26694/reufpi.v12i1.4284>
- Malagris, L. E. N. (2009). A Frustração. In M. E. N. Lipp (Ed.), *Sentimentos que causam stress: como lidar com eles* (pp. 27-40). Papirus.
- Matsukura, T. S., & Menecheli, L. A. (2011). Famílias de crianças autistas: demandas e expectativas referentes ao cotidiano de cuidados e ao tratamento. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 19(2), 137-152. Recuperado de <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/457>
- Mikolajczak, M., & Roskam, I. (2018). A theoretical and clinical framework for parental burnout: the balance between risks and resources (BR2). *Frontiers in Psychology*, 9, 886. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00886>
- Moraes, C., Oliveira, V. P., Oti, Y. K. M., & Rocha, D. E. (2024). O impacto da intervenção aba na sobrecarga emocional da maternidade atípica. *Journal of Media Critiques*, 10(26), e146. <https://doi.org/10.17349/jmcv10n26-047>
- Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 44-55. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932004000100006>
- Moxotó, G. F. A., & Malagris, L. E. N. (2015). Avaliação de treino de controle do stress para mães de crianças com transtornos do espectro autista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(4), 772-779. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528415>
- Ortega, F. (2009). Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1), 67-77. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232009000100012>
- Pascalichio, M. L., Alcântara, K. C. G. M., & Pegoraro, L. F. L. (2021). Vivências maternas e autismo: Os primeiros indicadores de TEA e a relação mãe e filho. *Estilos da Clínica*, 26(3), 548-656. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i3>
- Ponte, A., & Araujo, L. (2022). Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista do Nufen*, 14(2), 1-15.
- Portes, J. R. M., & Vieira, M. L. (2020). Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. *Psicologia em Estudo*, 25, e44897. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44897>
- Portes, J. R. M., Vieira, M. L., Souza, C. D., & Kaszubowski, E. (2020). Estilos parentais e coparentalidade em famílias de crianças com autismo: análise de perfis de comportamento infantil. *Estudos de Psicologia*, 37, e190143. <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7366>

- Riccioppo, M. R. P. L., Hueb, M. F. D., & Bellini, M. (2021). Meu filho é autista: Percepções e sentimentos maternos. *Revista da SPAGESP*, 22(2), 132-146. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702021000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Santos, M., Nogueira, M., & Mokarin, G. (2023). Maternidade ou maternagem: o lugar da mulher no cuidado do filho atípico. *Mosaico*, 16(4), 151-160. <https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.13512>
- Santos, S. P., Conceição, T. C., Almeida, L. L. C., Oliveira, M. R., Silva, Y. R., & Amorim, B. M. O. (2024). Cuidar de quem cuida: um olhar para as mulheres mães de pessoas com TEA. *Caderno Impacto em Extensão*, 4(2), 1-5. Recuperado de <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/2527>
- Silva, G. B., Guindani, B., Vigano, M. E. D. C., Barp, A. M., & Soares, W. D. (2024). Terapia de aceitação e compromisso: um relato de experiência de intervenção em grupo de familiares de crianças com TEA. *Revista Psicofae: Pluralidades em Saúde Mental*, 13(2), 61-71. <https://doi.org/10.55388/psicofae.v13n2.510>
- Silva, M. S. L., Dantas, M. C. S., Araújo, J. P. S., Andrade, L. D. F., Lima, G. B. M., Santos, N. C. C. B., Lordão, A. V., & Pascoal, F. F. S. (2022). Um olhar além da beleza da maternidade: burnout materno. *Saúde Coletiva*, 12(83), 12116-12127. <https://doi.org/10.36489/sau-decoletiva.2022v12i83p12116-12127>
- Souza, L. R. D. (2024). *Maternidade e autismo: análise da sobrecarga e a relação do burnout parental* (trabalho de conclusão de curso). Centro Universitário de Patos. Recuperado de <https://editora.unifip.edu.br/repositoriounifip/article/view/3046>
- Stasevskas, K. O. (1999). *Ser mãe: narrativas de hoje* (dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/d.6.1999.tde-16032005-141212>
- Tinoco, V. C., Dornela, T. T., Castro, G. G., & Peres, T. S. (2022). Estresse em mães com filhos diagnosticados com autismo. *Revista Psicologia e Saúde*, 14(4), 35-42. <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i4.2023>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Lewin, S., Godfrey, C. M., Macdonald, M. T., Langlois, E. V., Soares-Weiser, K., Moriarty, J., Clifford, T., Tunçalp, Ö., & Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-Scr): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467-473. <https://doi.org/10.7326/m18-0850>
- Viana, C. T. S., & Benicasa, M. (2023). Maternidade atípica: termo e conceito. *Revista Acadêmica Online*, 9(46), 1-13. Recuperado de <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/299/440>